



A ÁGORA NO ESPAÇO CONTEMPORÂNEO: A REQUALIFICAÇÃO DA PRAÇA OLIVEIROS PINHEIRO EM SÃO JOSÉ DO RIO PARDO.

RAFAEL, Augusto Silva Ferreira (1); RENATA, Baesso Pereira (2)

- (1) Pontifícia universidade Católica de Campinas; mestrando pelo POSURB; Campinas, São Paulo;
rafael.asf@puccampinas.edu.br
- (2) Pontifícia Universidade Católica de Campinas; Doutora; Campinas, São Paulo;
renata.baesso@puccampinas.edu.br

“O conceito de espaço livre está intimamente ligado à vida das cidades; estas são sentidas por suas ruas, praças e parques, que caracterizam a paisagem urbana.” (KLIASS; MAGNOLI, 2006)

RESUMO

O tecido urbano contemporâneo e os sistemas de espaços livres nele consolidados, são produtos de processos históricos em diferentes épocas, moldando o território por fatores muitas vezes não detectáveis na forma como o mesmo se apresenta na atualidade. O presente texto objetiva a compreensão e análise do processo de requalificação e ressignificação da Praça Oliveiros Pinheiro em São José do Rio Pardo – SP, a partir de sua reforma na década de 1990, com a edificação de um anfiteatro. O trabalho inicia com um histórico que tem por objetivo caracterizar o município de São José do Rio Pardo, bem como a formação de seus espaços livres públicos na área central, para dessa forma proceder a uma análise morfológica tanto do sítio em questão como do entorno imediato. São apresentados os fatos que levaram a requalificação do sítio e a consequente escolha do equipamento urbano edificado, figurando como uma das primeiras tensoestruturas utilizadas em cobertura no Brasil.

Palavras-chave: sistema de espaços livres públicos; paisagismo; projeto da praça; requalificação;

ABSTRACT

XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL SALVADOR – BAHIA - UFBA



The contemporary urban fabric and the its consolidated open space systems, are products of historical processes in different times, shaping the territory by factors often undetectable in the way it presents itself today. This paper aims to understand and analyze the process of requalification and reframing of Oliveiros Pinheiro Square in São José do Rio Pardo - SP, from his retirement in the 1990s, with the construction of an amphitheater. The work begins with a history that aims to characterize the city of São José do Rio Pardo, and the making of its public open spaces in the central area, to thereby carry out a morphological analysis of both the site in question and the immediate surroundings . The facts are presented that led the redevelopment of the site and the consequent choice of urban equipment built and ranks as one of the first tensile structures used in coverage in Brazil.

Keywords: public open space system; landscaping; the square design; requalification;

1.0 INTRODUÇÃO

A praça é hoje o local do convívio público, onde predominam atividades de lazer, esportes, recreação, onde as trocas sociais são realizadas, onde a manifestação encontra seu chão para acontecer, mas onde a segregação encontra também seu espaço; onde as pessoas se encontram, evidenciando nossas patologias sociais e toda a complexidade da esfera pública. O espaço público no Brasil evoluiu, lentamente, do sagrado ao profano (MARX, 1989). Num primeiro momento, o espaço público definia-se pelos locais de culto católico, da procissão, das festividades. A laicização dos espaços públicos trouxe à tona outras funções, como também novas problemáticas.

Supondo que toda cidade possui sistemas de espaços livres públicos em rede atuando sobre o urbano onde conectam-se espaços livres diversos, planejados ou não, com diferentes graus de complexidade, identificamos uma organização que compreende as ruas como meio conector de praças, largos e parques onde o convívio e interação são ampliados. As ruas, hoje tão privilegiadas ao carro, são os espaços que deveriam melhor comportar as atividades públicas diárias, pela maior qualidade de seus passeios, calçamento, vegetação e áreas de estar. As praças e parques por sua vez, encontram-se muitas vezes em condições de abandono, subutilizados em seu potencial integrador.

A praça é um elemento cultural, e como tal, assume definições e tratamentos diferentes. Os estudos empregados por Nestor Goulart Reis Filho, que resultaram em sua tese de livre docência publicada

XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL SALVADOR – BAHIA - UFBA



em forma de livro em 1968¹, abrem um vasto campo de investigação sobre a urbanização brasileira, complementando e esclarecendo as questões já propostas por Sergio Buarque de Holanda em seu “Raízes do Brasil” (1936). A aparente desordem e desleixo da urbanização brasileira encontram em Nestor Goulart sua fundamentação definitiva, eliminando de certa forma a ideia de supremacia da malha ortogonal espanhola na fundação de cidades. Na obra, que aborda as formas de organização do traçado colonizador português.

“As praças, sempre mais importantes que as ruas, como locais de instalação das sedes do poder. Ao longo de quase dois séculos de atividades urbanísticas, mesmo esses aspectos mais elementares sofreram mudanças significativas, que exigem uma observação mais atenta.” (REIS FILHO, 2000:132)

Na cidade colonial, as ruas eram tidas como elementos de ligação, com pouca vivência pública. As praças, segundo Reis Filho, eram os locais de atenção, de uso comum.

“As praças acolhiam desde o início muitas das principais atividades dos núcleos urbanos. Realizavam-se nelas reuniões religiosas, cívicas e recreativas e atividades de comércio, como feiras e mercados. As povoações mais humildes, como as aldeias de índios ou paróquias, reunidas em torno de modestas igrejas isoladas, desenvolviam grande porte de suas funções nas praças, as quais, por isso mesmo, eram sempre os locais de maior importância e muitas vezes a origem das povoações.” (REIS FILHO, 2000:136)

Sobre o processo de fundação de cidades no Brasil colônia, Murillo Marx desenvolve a tese que seria publicada em 1991, com “Cidade no Brasil: terra de quem?” Segundo o autor:

“Logradouro público por excelência, a praça deve sua existência sobretudo aos adros de nossas igrejas. Se tradicionalmente essa dívida é válida, mais recentemente a praça tem sido confundida com jardim. A praça como tal, para reunião de gente e para exercício de um sem-número de atividades diferentes, surgiu entre nós, de maneira marcante e típica, diante de capelas ou igrejas, de conventos ou irmandades religiosas. Destacava, aqui e ali, na paisagem urbana estes estabelecimentos de prestígio social. Realçava os edifícios; acolhia os seus frequentadores.” (MARX, 1980:500)

Entendemos, dessa forma, a praça brasileira como um elemento e modificado de significados ao longo do processo de lenta ocupação e colonização do país, da própria conversão em território, onde a mesma figurava com papel central. O presente trabalho se propõe a delinear alguns dos fatores da transformação do espaço conhecido como Praça Oliveiros Pinheiro, no município de São José do Rio Pardo, SP, realizada nos anos 1990, com a remodelação parcial e edificação de um anfiteatro coberto, mudando completamente a dinâmica do local. Parte-se para uma conceituação do processo de reforma e demonstra-se que os fatores que definiram o desenho atual do sítio, em meio a questões políticas, econômicas e sociais acabaram por cercear a ideia inicial. Apresentam-se alguns dos fatores que levaram à configuração atual do sítio em questão, buscando melhores definições do que apenas a forma como o qual se apresenta na atualidade.

¹ A obra de Nestor Goulart Reis Filho, Evolução Urbana do Brasil 1500-1720, aborda os aspectos da organização e expansão de um rede urbana brasileira, que tem início com a colonização; são demonstrados aspectos políticos, econômicos e sociais, bem como a forma de ocupação e traçado das cidades, seus espaços públicos e privados.

XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL SALVADOR – BAHIA - UFBA



1.1 A CONSTITUIÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS EM SÃO JOSÉ DO RIO PARDO

São José do Rio Pardo tem seu nascimento tardio entre os núcleos urbanos no século XIX. Localizada à porção nordeste no Estado de São Paulo, o território de São José do Rio Pardo foi formado em um conjunto de redes de cidades pelo desbravamento do chamado “Sertão do Rio Pardo”, ainda no século XVIII. Derivada dos pousos e sítios ao longo do caminho do Anhanguera, desmembrada da vila de Mogi Mirim em 1815, Casa Branca torna-se uma freguesia realizando a primeira circunscrição de um território religioso, que daria origem a outros povoados: Caconde, Mococa e São José do Rio Pardo.

O povoado, fundado em 1865 na freguesia de Caconde com a ereção da capela e doação do patrimônio a São José, passa por longo trajeto de freguesia de Casa Branca em 1874, sendo reconduzido à povoado em 1877 para se tornar uma vila independente em 1885. De formação de migrantes mineiros, os chamados “entrantes mineiros”, São José desenvolveu-se à margem do Rio Pardo, inserindo-se em uma rede que configurou o interior paulista a partir do trajeto da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, tendo recebido seu ramal em 1889.

São José é conhecida pela passagem de Euclides da Cunha, engenheiro militar, jornalista e escritor que na passagem do século XX foi incumbido de construir uma ponte metálica (figura 1), transpondo o Rio Pardo. A obra, concluída em 1901, não constitui o único fato da passagem do escritor por São José do Rio Pardo, pois foi nesse período que o escritor abrigado em uma cabana de zinco, na construção da ponte metálica, escreveu mais de 80% do livro “Os Sertões”, obra consagrada da literatura brasileira que descreve a Guerra de Canudos, na Bahia.

Grande parte do patrimônio de cultura de São José do Rio Pardo desenvolveu-se ao redor da ponte metálica e do culto à figura de Euclides da Cunha. Tanto a cabana de zinco como a ponte metálica são bens tombados pelo IPHAN, em 1938, sendo objetos do movimento Euclidianos todos os anos, em São José.

XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



Figura 1 Vista aérea da ponte sobre o Rio Pardo. autor desconhecido/ Fonte: Centro da Memória Rio-pardense

A formação dos espaços livres públicos em São José do Rio Pardo foi obra de incentivos e esforços tanto por parte da administração municipal, como da sociedade civil organizada. Destaca-se, entre a formação da malha urbana rio-pardense, o projeto de Ramos de Azevedo para a primeira Igreja Matriz, no início do século XIX (figura 2).

Em estilo Neogótico, a igreja de uma torre apenas figurou na paisagem até os anos 1950, quando a população necessitando de um local de culto maior, procedeu à demolição da mesma e a construção da nova Igreja Matriz, também em estilo neogótico e de dimensões maiores (figura 3).



Figura 2 Vista aérea do centro de São José do Rio Pardo, com destaque para a igreja matriz de Ramos de Azevedo. autor desconhecido/ Fonte: Centro da Memória Rio-pardense

XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



Figura 3 Foto aérea da região central de São José do Rio Pardo. autor desconhecido/ Fonte: Centro de Memória Rio-pardense. 2006

Destacamos particularmente, a consolidação de dois núcleos ligados aos Grupos Escolares de São José do Rio Pardo, localizados à Praça do Mercado Municipal e a Praça Oliveiros Pinheiro, objeto deste estudo.

Em foto aérea, datada provavelmente do início da década de 1920 (figura 5) podemos observar o terreno ainda desocupado do que seria o mercado municipal, edificado em 1924. Funcionou da mesma forma até início da década de 1990, quando desativado, cedeu lugar a exposições de artes e eventos culturais. Hoje abriga encontros de atividades culturais voltadas à população, como feiras de artes e artesanato, aulas de dança e exposições diversas que ocupam o local ao longo de todo o ano. (figura 4)

XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



Figura 4 Mercado Cultural, Praça Barão do Rio Branco. Gazeta do Rio Pardo. disponível em: <http://gazetadoriopardo.com.br/imagem/noticias/Mercado102102010.jpg>, acesso em 10/06/2016

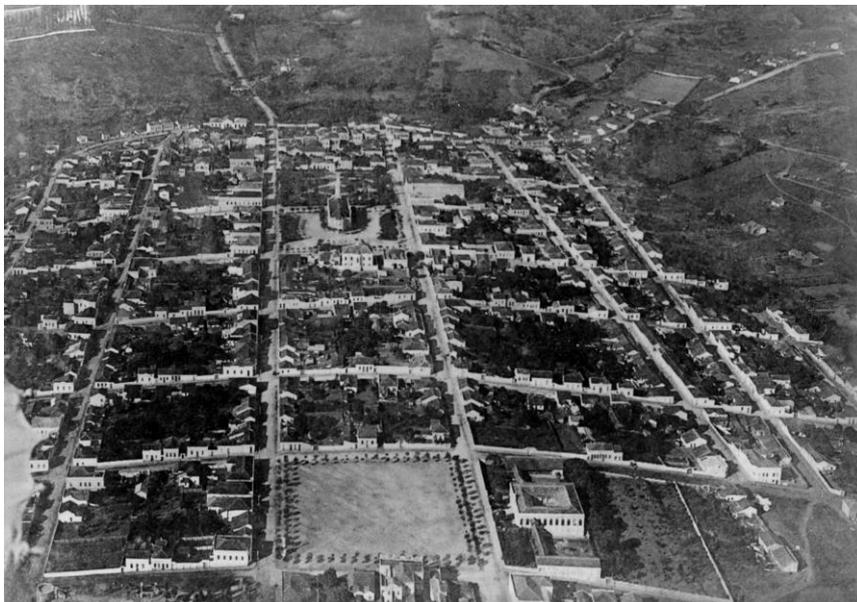


Figura 5 Foto aérea do terreno antes da edificação do Mercado Municipal. autor desconhecido/ Fonte: Centro de Memória Rio-pardense. s/d

Na imagem se vê ao fundo a primeira igreja matriz, com apenas uma torre e, na frente, o terreno vazio onde se edificaria o Mercado Municipal, hoje tombado pelo Conselho de Patrimônio Municipal como espaço cultural.

O segundo espaço formado a partir de um largo escolar é a Praça Oliveiros Pinheiro, objeto de estudo desta pesquisa, devido sua reforma e ressignificação. Na imagem (figura 6) pode-se ver o terreno ainda vazio, tendo em seu entorno o Grupo Escolar, e o antigo orfanato, antecedendo em pouco a construção da praça.

XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL SALVADOR – BAHIA - UFBA



Figura 6 Vista aérea do terreno da Praça Oliveiros Pinheiro. autor desconhecido/ Fonte: Centro de Memória Rio-pardense. s/d

1.2 REQUALIFICAÇÃO DA PRAÇA OLIVEIROS PINHEIRO

Em 1978 havia sido realizada a obra de calçamento da Praça XV de Novembro, consolidando a união do espaço de frente a Igreja Matriz, eliminando assim o trecho da Rua Marechal Floriano que dividia o espaço ao meio. Estimulado pela ação no espaço, o poder público cogitou a criação de um espaço destinado a apresentações e manifestações culturais, sendo o lote de quadra aberta localizado aos fundos do Museu Histórico o primeiro candidato. A escolha se mostrou inadequada, visto a pequena dimensão do local, impossibilitando a criação de um equipamento de grande reunião de público. O projeto foi pensado como local de reunião natural de estudantes, que já ocupavam a praça antes de sua reforma. Segundo o arquiteto Luís Paulo Cobra Monteiro, a escolha da Praça Oliveiros Pinheiro se mostrou desde o início correta, pela reunião de estudantes principalmente no período noturno, em virtude da movimentação da Escola Estadual Euclides da Cunha, da unidade da Faculdade Euclides da Cunha (FEUC) e da Fundação Educacional, que já se apropriavam do local.

XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL SALVADOR – BAHIA - UFBA



A praça figura no Brasil, como um elemento intrínseco à cidade, tendo seu sentido modificado na modernidade, moldada em parte pelo alto tráfego de veículos nas cidades e a setorização decorrentes do zoneamento, que acabaram por transformar o convívio nos espaços públicos. Ao arquiteto moderno, a praça figura muitas vezes como uma tábula rasa, onde são passíveis constantes transformações de sentido, assim:

“A cidade não é mais vista como o lugar da história e da memória coletiva, ela representa somente um espaço geográfico sujeito a transformações constantes. A supervalorização dos aspectos técnicos e funcionais pelos indivíduos envolvidos na gestão urbana resulta no processo de tábula rasa imposto ao ambiente existente.” (CALDEIRA, 2007:256)

Ainda segundo Junia Marques Caldeira:

“(…) Na busca dessa nova ordem urbana, observam-se duas tendências de pensamento: uma voltada para a renovação da cidade tradicional e a conservação da sua estrutura espacial e outra, que vai defender o processo de tábula rasa, propondo uma ruptura radical com a morfologia existente. Nessas duas abordagens, o papel da praça apresenta-se de forma diversa, porém com certa coerência. No primeiro, busca-se recompor o espaço público a partir de certa nostalgia do mundo medieval. A praça é pensada como o lugar mais importante na estrutura da cidade, concentrando-se nela as novas edificações – indústrias, escolas, prefeituras, enfim, as edificações institucionais – e defende-se seu papel de espaço coletivo. Valoriza-se o modelo de praça renascentista (cenário representativo de uma composição estética) e de square inglesa (a praça residencial, lugar semipúblico, sala de visita), na intenção de retomar a convivência pública no espaço citadino.”

Na segunda abordagem, o espaço urbano, visto sob a ótica da técnica, representa a cidade como parte de uma engrenagem. Seu perfeito funcionamento deve adequar-se às novas demandas da sociedade industrial. O trabalho, o tempo, os deslocamentos não possibilitam a experiência e a fruição do espaço urbano. As atividades de lazer ocorrem de maneira programada, em espaços fechados e específicos. (CALDEIRA, 2007:197)

O paisagismo contemporâneo, contudo, sabe valorizar o existente introduzindo novas formas e funções, de modo a criar um diálogo qualificador da paisagem, favorecendo o entorno imediato. As relações são dessa forma potencializadas, incrementando atividades e usos já em operação, e abrindo possibilidades de crescimento para novos tipos de apropriação.

A requalificação da praça Oliveiros Pinheiro (figura 7), embora assemelhando-se à primeira vista com a filosofia modernista, que expomos anteriormente, é positiva pela inserção de um novo contexto, em termos de forma e função, mas ao mesmo tempo valoriza o existente, melhorando estruturas já consolidadas.

Segundo Miranda Martinelli Magnoli, sobre o paisagismo contemporâneo:

“Também não abre mão das possibilidades de ver a cidade como um ambiente em que as características físicas podem ser melhoradas com a introdução do material entendido como natural – preponderantemente a vegetação. Porém, privilegia, coloca atenção mais intensa sobre a mensagem cultural trazida por um qualquer espaço, quando este é realizado dentro do contexto da cidade, do ambiente tecido pela cidade.” (MAGNOLI, 2006:217)

XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



Figura 7 Vista aérea tendo ao centro a Praça Oliveiros Pinheiro, após a remodelação dos anos 1990.
FONTE: Imagem Google Earth, 2016.

A praça existente no local, antes da reforma, encontrava-se em condições de degradação, necessitando de intervenção. Em sua cota mais alta encontrava-se a coluna de concreto, em forma de obelisco sustentando o relógio doado pelo Rotary Club, em 1964. (figura 8)



Figura 8 Inauguração do relógio pela sociedade Rotary Club, em 1964. Autor desconhecido/Fonte: DEL GUERRA, 2002. s/d

Sobre a primeira praça, não se dispõe de acervo documental, mas se atribui sua construção posterior aos anos 1936, com a inauguração do Ginásio do Estado, fato atestado pelos arquivos do Centro de

XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



Memória Rio-pardense, onde podemos ver uma perspectiva de onde hoje seria a praça Oliveiros Pinheiro (figura 9)



Figura 9 Vista do Ginásio do Estado, recém-concluído em 1938. Autor desconhecido/ Fonte: Centro de Memória Rio-pardense. s/d.

O local era caracterizado por pouca vegetação, piso predominante em pedra portuguesa, canteiros com grama ao nível do solo onde inexistiam arbustivas de qualquer espécie, sendo as árvores predominante Sibipirunas, algumas ainda localizadas em meio à vegetação. O novo desenho, proposto pelo arquiteto Luís Paulo Cobra Monteiro, manteve a forma e localização dos canteiros, elevando-os do solo e adicionando vegetação ao sítio.

A inexistência de vegetação foi compensada: acrescentou-se grande quantidade de espécies vegetais, mantidas algumas Sibipirunas originais, o remodelamento foi total, utilizando de espécies de grande porte propiciando sombra em toda a extensão da praça. O traçado foi reforçado, de forma a facilitar os acessos entre as diagonais da gleba e favorecido pelo emprego das grandes palmeiras em meio aos maciços de arbustos sobre os canteiros elevados. (figura 13). As áreas de estar, contudo, concentram-se na própria arquibancada do auditório, como um convite ao uso do equipamento, existem poucos bancos locados na praça, fato compensado em parte pela altura dos canteiros elevados, o que facilita sua ocupação como assento, em alguns locais. Destaca-se o uso ativo no período noturno: grande aglomeração de pessoas nas arquibancadas e nas áreas periféricas da praça. O acesso é reforçado pela característica do entorno, predominantemente comercial e institucional (escolas, orfanato e instituto) favorecem o convite ao acesso.

XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA

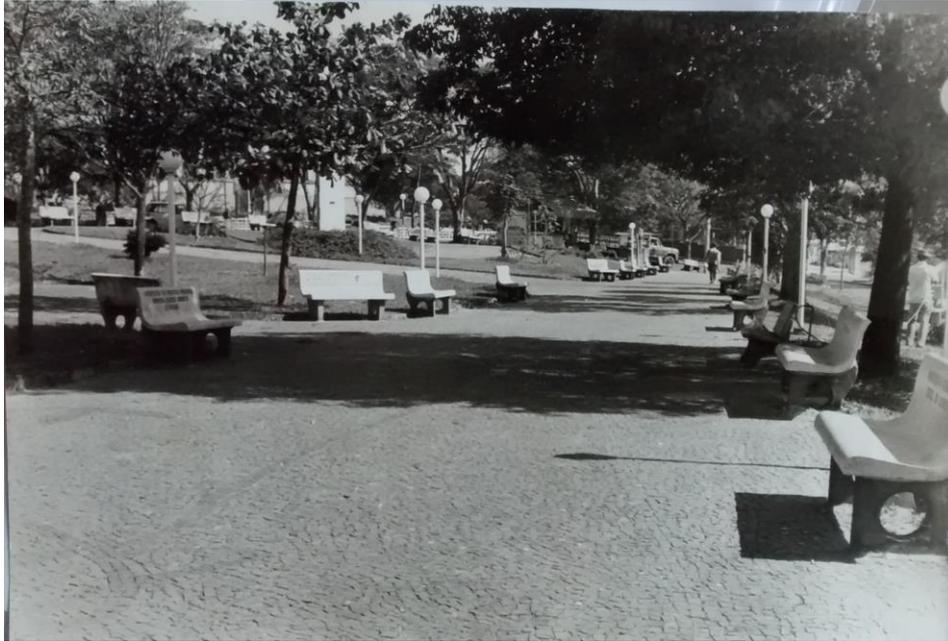


Figura 10 Perspectiva da antiga praça a partir da da Avenida Dep. Eduardo Vicente Nasser. Autor desconhecido/ Fonte: Centro de Memória Rio-pardense. s/d



Figura 11 Vista da Praça Oliveiros Pinheiro. Ao fundo vê-se o antigo relógio. Autor desconhecido/Fonte: Centro de Memória Rio-pardense, s/d.

XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA

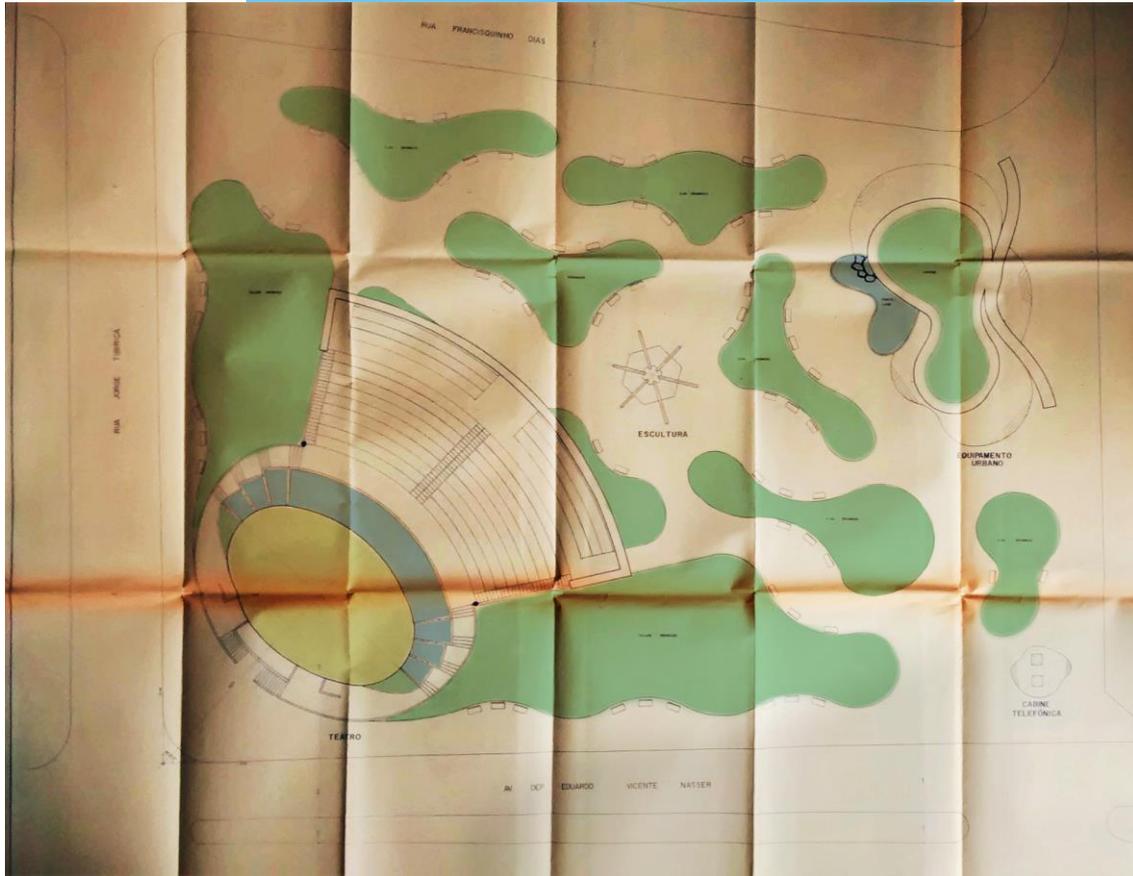


Figura 12 Prancha de implantação do projeto. Desenho do autor sobre original, FONTE: arquivo arquiteto Luiz Paulo Cobra Monteiro. 2016



Figura 13 Perspectiva a partir da rua Francisquinho Dias. Destaque para a configuração da vegetação de grande porte e o desenho dos canteiros elevados do solo. Acervo do Autor. 2016.

O então Secretário de Planejamento e Obras, Arquiteto Luís Paulo Cobra Monteiro, foi encarregado do projeto que tinha a finalidade de revitalizar a Praça Oliveiros Pinheiro pela edificação de um

XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL SALVADOR – BAHIA - UFBA



anfiteatro coberto, recuperação do paisagismo e áreas verdes e remodelação dos acessos nas vias públicas, de modo a intervir na rua Cândido Faria, onde localizavam-se os antigos trailers de lanches e sorvetes. O ponto principal da obra era a edificação de um anfiteatro coberto, motivo pela qual logo foi chamada de “Epidauro”, por um vereador da época.

Segundo o arquiteto Luís Paulo Cobra Monteiro, em artigo publicado na Gazeta do Rio Pardo em 21/08/1996,

“O Epidauro não tem como finalidade ser um espaço destinado à apresentação de grandes shows musicais, mas de atender às necessidades culturais das escolas da região, permitindo o desenvolvimento de atividade ligada à educação, como por exemplo: a apresentação de uma orquestra sinfônica, ou de uma ópera, ou de uma peça teatral, etc.” (GAZETA, 1996)

A polêmica referente à solução adotada instalou-se, segundo o arquiteto, após o início das obras, com a percepção pela população da retirada do estacionamento de frente à rua Cândido Faria. O projeto foi dessa forma cerceado à medida que protestos foram se avolumando, acompanhados de abaixo-assinados entregues à promotoria pública, que ocasionaram o embargo temporário da obra.

Acordada a solução que matinha a via pública, no lugar do calçadão proposto pelo projeto, iniciou-se a construção dos quiosques para regularizar os antigos trailers de lanches que ocupavam o passeio público.

1.3 A ESCOLHA PELA TENSOESTRUTURA

A primeira tensoestrutura edificada no Brasil foi o Pavilhão de São Cristóvão (figura 14), no Rio de Janeiro, inaugurada em 1962. Obra do arquiteto Sérgio Bernardes, figurou por muitos anos como tensoestrutura até ser desmontada na década de 1980, em decorrência de problemas estruturais na malha tensionada de cabos, acarretando sucessivas avarias na cobertura, que se fazia por meio de telhas metálicas fixadas aos de cabos tensionados.

XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



Figura 14 Vista aérea do Pavilhão de São Cristóvão. Bernardes Arquitetura/Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/765444/classicos-da-arquitetura-pavilhao-de-sao-cristovao-sergio-bernardes>, acesso em 02/06/2016

De modo que na inauguração da Praça Oliveros Pimheiro, em 1996, a tensoestrutura que cobria o anfiteatro figurava como a única operante no Brasil destinada a esse fim. A cobertura de vão livre modesto, apresenta como solução um arco parabolóide (figura 15) de onde partem cabos de aço, de geometria de curva catenária, figurando assim uma malha tensionada onde são fixadas telhas metálicas, constituindo a cobertura da edificação. Obra de cálculo do Professor Dr. Vinícius Arcaro, membro do corpo docente da Faculdade de Engenharia Civil da Unicamp, a tensoestrutura foi objeto de estudos em conjunto com o Prof. Eng. Dr. Luís Carlos de Almeida – Unicamp, responsável pelo cálculo de concreto armado. O programa do projeto consistia em um anfiteatro coberto, localizado na cota mais baixa da Praça, contendo salas de apoio, sanitários e vestiários sob o palco, com acesso pela parte mais baixa da arquibancada, onde localizava-se uma fonte em espelho d'água.

XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA

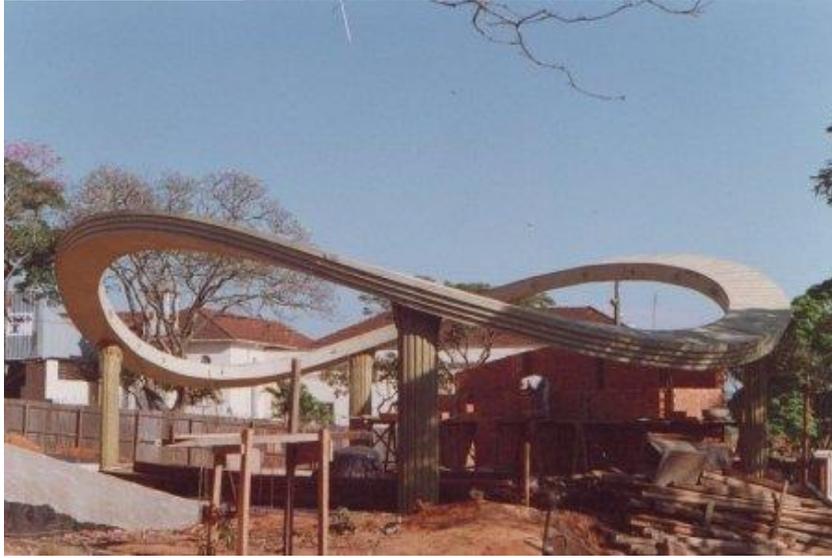


Figura 15 Vista do anel de concreto finalizado. Vinicius Arcaro/ Fonte:<http://www.arcaro.org/epidauro/index.htm>, acesso em 02/06/2016

O projeto contemplava inicialmente um pergolado com clara inspiração grega, não executado durante a obra. Toda a conceituação do projeto teve como partido arquitetônico o anfiteatro grego enquanto reunião de público, o que segundo o arquiteto era mais do que apropriado, visto a intenção de que o espaço todo se tornasse um local para reuniões de estudante espontâneas. (figura 16)



Figura 16 Corte do projeto demonstrando a inserção do anfiteatro na praça. José Baptistela (desenhista) / Fonte: arquivo arq. Luís Paulo Cobra Monteiro. 1996

XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA

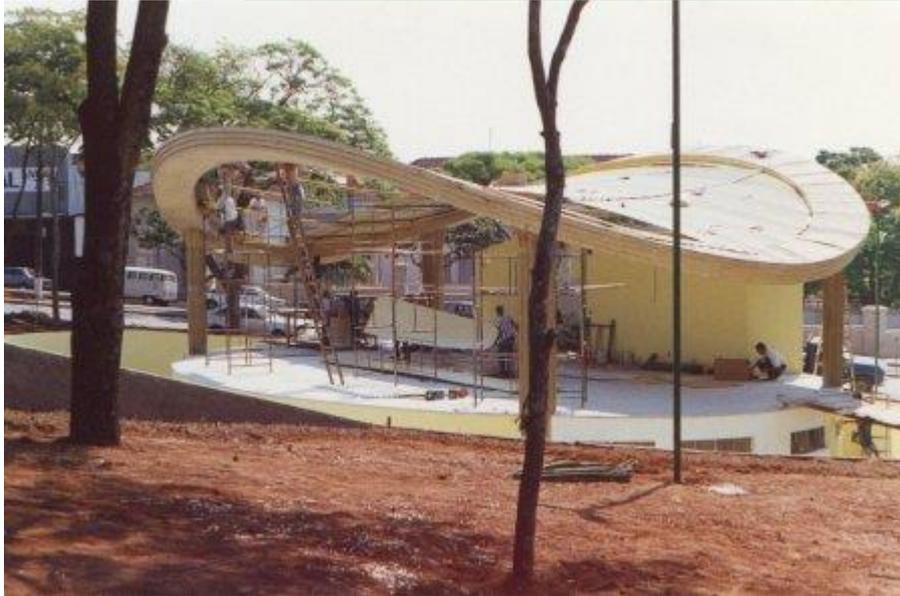


Figura 17 Fixação das telhas na malha de cabos tensionados. Vinicius Arcao/
Fonte: <http://www.arcao.org/epidauro/index.htm>, acesso em 02/06/2016



Figura 18 Inauguração do Epidauro em 27 de setembro de 1996. autor desconhecido/ Fonte: Centro de Memória Rio-pardense

Independente das motivações que a realizaram, fica claro o ideal, ainda que não revelado, de requalificação de um local por meio de uma edificação; ideal fortemente modernista, acredita residir na edificação o *genius loci* do sítio, rompendo com paradigmas e inserindo uma forma urbana antes não ambientada e experimentada pela população.

XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



O anfiteatro atualmente apresenta pouca atividade e frequência pelo público, seja pela escassez de eventos culturais de grande porte, seja pela falta de conservação com a vegetação e a arquitetura



Figura 19 Vista central da Praça Oliveiros Pinheiro. foto do autor, 2016.

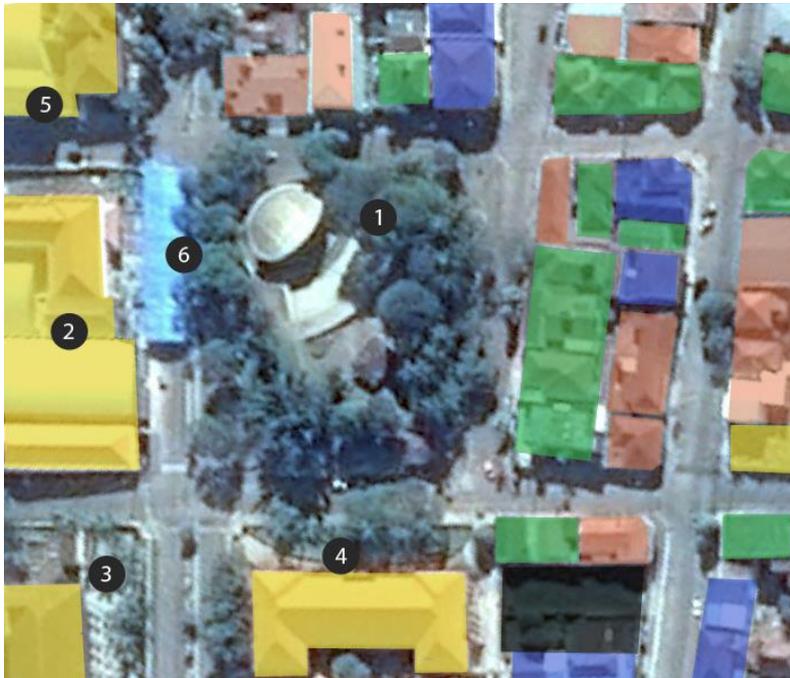


Figura 20: Implantação com análise de ocupação do entorno. Imagem do autor sobre base do Google Earth. acesso em 08/06/2016

A ocupação do entorno nos revela um uso intenso, como caracterização multifuncional. (figura 20). Na imagem acima, em amarelo destacam-se os usos **institucionais**, em verde os estritamente

XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL SALVADOR – BAHIA - UFBA



residenciais, em vermelho os **comerciais**, e em azul os usos **mistos**, sendo o térreo comercial e superior residencial. Na legenda observamos em 1 a localização da cobertura do anfiteatro, na cota mais baixa do lote; 2- orfanato (educandário); 3- Colégio Santa Inês; 4- Colégio Euclides da Cunha; 5- Fundação Educacional e 6- ocupação do orfanato, com o fechamento da avenida para festividades do mês de junho.

1.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o percurso da Praça Oliveiros Pinheiro, desde sua concepção aos dias atuais, percebe-se uma mudança radical nas formas de ocupação do local, tanto pela análise do desenho do espaço, que privilegia a edificação do anfiteatro, como pela relação com o entorno, percebida pela comparação das fotos em dois momentos distintos. Quaisquer que sejam as opiniões sobre o espaço, é evidente sua parcial degradação e descuidado em virtude da pouca utilização para eventos, o que contribui para a deterioração da edificação e sua manutenção.

O uso misto do entorno não resolve por si só a condição de abandono de muitas das estruturas da praça, desde a conservação da própria estrutura de concreto que abriga o auditório, até os acentos, bancos, fontes e o próprio revestimento de piso necessita de maiores cuidados.

O auditório só apresenta vida nos momentos de apresentações e eventos. É nesses momentos que podemos sentir a vocação da praça, com o interesse voltado ao palco, onde todos podem se sentar por um momento, movidos por uma ação efêmera. (figura 18). Acabado o momento de entretenimento, volta a praça respirar de seu ar habitual, com pouca movimentação de pessoas, salvo alguns estudantes circulando e pessoas a observar o movimento, nos escassos bancos bem cuidados. Junto da baixa atividade, vem o medo da violência urbana, fato contumaz em nossas cidades contemporâneas. Junto caminha o processo de privatização dos espaços públicos, trocados pela segurança dos lares, e a competição do espaço virtual, consagrado com as redes sociais. A praça, ao longo dos seus vinte anos após a remodelação, permanece a espera de seu público.

Para Sun Alex, “ o uso fornece elementos de articulação entre espaços públicos, promovendo e ampliando a diversidade dos usuários. Verificar o uso do espaço é fundamental para revelar as necessidade dos frequentadores e assinalar postos positivos e negativos dos lugares.” (ALEX, 2008)

A condição para a manutenção dos espaços livres públicos deve ser uma ação conjunta, mas destaca-se aqui o papel da utilização constante como um meio indutor por si só de melhorias nos espaços públicos, como aponta Miranda Martinelli Magnoli e Rosa Kliass:

XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL SALVADOR – BAHIA - UFBA



“Em grupos sociais de maior poder aquisitivo, há aspiração de melhoria do padrão de vida, que se dispersa em indiscriminada e improfícua corrida ao consumo de bens individuais, ao invés de traduzir uma cultura de participação de cada vez mais amplo interesse social, é devida à falta de atuação do poder público. De outro lado, junto dos grupos sociais menos favorecidos, é preciso que o poder público crie condições de utilização livres, pois que isto se constitui em um dos direitos do cidadão.” (KLIASS; MAGNOLI. 2006:248)

A requalificação, conclui-se, é positiva quando reconhece a oportunidade de mudança, de romper com paradigmas sobre a esfera de vida pública, introduzindo novo no contexto urbano, provocando a mudança. A participação e opinião popular são a chave, como mostra Magnoli, para o entendimento do uso público da cidade. Queira-se ou não, é a única morada possível.

REFERÊNCIAS

ALEX, Sun. Projeto da Praça: convívio e exclusão no espaço público. 2ª edição – São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

CALDEIRA, Junia Marques. A Praça Brasileira: trajetória de espaço urbano – origem e modernidade. 09/11/2007. 434. Doutorado – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 09/11/2007.

COBRA MONTEIRO, Luiz Paulo. A nova novela das oito. Gazeta do Rio Pardo. São José do Rio Pardo, 21 de agosto de 1996.

KLIASS, Rosa; MAGNOLI, Miranda. Áreas verdes de recreação. Revista Paisagem e Ambiente: ensaios – n. 21 – São Paulo – p. 245 – 256, 2006.

MAGNOLI, Miranda; O jardim na cidade é um fragmento de sonho. Paisagem Ambiente: ensaios - n. 21 - São Paulo - p. 215 - 222 - 2006

MARX, Murillo. Cidade Brasileira. São Paulo: Edusp, 1980.

REIS FILHO, Nestor Goulart. Contribuição ao estudo da evolução urbana do Brasil (1500/1720) - São Paulo: Pini, 2000.